

O óbito como entretenimento: análise das notícias em torno da morte no Instagram*



Juliana Porto Chacon**

Recibido: 2025-03-25 • Enviado a pares: 2025-04-08
Aprobado por pares: 2025-08-08 • Aceptado: 2026-04-10
<https://doi.org/10.22395/angr.v25n49a05>

Resumo

Este estudo teve como objetivo investigar como os discursos em torno da morte, veiculados no Instagram, são estruturados e ressignificados a partir da lógica de entretenimento. A escolha do tema se justifica pela relevância da plataforma como fonte de informação e pelo papel central que desempenha na construção de percepções coletivas sobre a morte e a violência. A metodologia adotada foi analítica e bibliográfica, contemplando a observação de perfis independentes e de grandes conglomerados de mídia, fundamentada em referenciais que discutem a cultura da morte e os discursos digitais. Assim, utilizou-se Paveau para a análise das estruturas próprias dos discursos nativos digitais, Morin para a compreensão da morte hierarquizada conforme a posição social dos indivíduos e Becker para a discussão do fenômeno da morte coletiva como mecanismo de atenuação da certeza da morte individual. Os resultados indicam que as práticas discursivas transformam tragédias pessoais em produtos midiáticos de consumo rápido, banalizando a morte e reforçando as desigualdades sociais. A análise revelou também que a notoriedade social dos indivíduos determina diferentes formas de representação: celebridades recebem tratamento reverente, enquanto cidadãos comuns e periféricos são retratados de modo impessoal e sensacionalista. Conclui-se que o discurso digital não apenas reflete, mas reforça hierarquias sociais, perpetuando preconceitos e naturalizando a violência contra populações vulneráveis. Ao transformar a morte em narrativa de entretenimento, as mídias sociais ampliam a desigualdade simbólica e limitam a possibilidade de uma reflexão crítica sobre a dignidade e o valor da vida.

Palavras-chave: mídia social, discurso, plataforma digital, disseminação da cultura, semiologia, morte, Brasil.

* Este trabalho apresenta os resultados preliminares da pesquisa iniciada em 2024 pelo grupo de estudos Marketing digital e monitoramento de dados: estratégias, perspectivas do mercado e estruturas de ensino, sediado no Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo, Brasil.

** Doutora em Comunicação e Semiótica, professora de graduação e pós-graduação no Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie e coordenadora do grupo de estudos - Marketing digital e monitoramento de dados: estratégias, perspectivas do mercado e estruturas de ensino. São Paulo – Brasil. E-mail: julianaportochacon@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5051-382X>

Death as Entertainment: An Analysis of Death-Related News on Instagram

Abstract

This study aimed to investigate how discourses around death, conveyed on Instagram, are structured and re-signified according to the logic of entertainment. Instagram was chosen for its relevance as a source of information and for the central role it plays in shaping collective perceptions of death and violence. The methodology adopted for this study was analytical and bibliographic, encompassing the observation of independent profiles and large media conglomerates, and was based on references that discuss the culture of death and digital discourses. To do this, Paveau's theories were used to analyze the structures of native digital discourses; Morin's, to understand hierarchies in death based on individuals' status, and Becker, to discuss the phenomenon of collective death as a mechanism to mitigate the inexorability of individual death. The results suggest that discursive practices transform personal tragedies into fast-consumption media products, trivializing death and reinforcing social inequalities. The analysis also revealed that the social notoriety of individuals determines different forms of representation: celebrities receive reverent treatment, while ordinary and peripheral citizens are portrayed in an impersonal and sensationalist way. It is concluded that digital discourse not only reflects but also reinforces social hierarchies, perpetuating prejudices and naturalizing violence against vulnerable populations. By transforming death into a narrative of entertainment, social media amplify symbolic inequality and limit the possibility of a critical reflection on the dignity and worth of life.

Keywords: social media, discourse, digital platform, cultural dissemination, semiology, death, Brazil.

El fallecimiento como entretenimiento: análisis de noticias sobre la muerte en Instagram

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo investigar cómo los discursos en torno a la muerte, difundidos en Instagram, se estructuran y resignifican bajo la lógica del entretenimiento. La plataforma se eligió por su relevancia como fuente de información y por su papel central en la formación de percepciones colectivas sobre la muerte y la violencia. La metodología fue analítica y bibliográfica, basada en la observación de perfiles independientes y de grandes conglomerados, con apoyo en referentes que discuten la cultura de la muerte y los discursos digitales. Así, se recurrió a las teorías de Paveau para analizar las estructuras de los discursos nativos digitales, a Morin para comprender la muerte jerarquizada según la posición social y a Becker para discutir la muerte colectiva como mecanismo que atenúa la certeza de la muerte individual. Los resultados muestran que las prácticas discursivas convierten tragedias personales en productos mediáticos de consumo rápido, banalizando la muerte y reforzando las desigualdades sociales. El análisis reveló que la notoriedad social de los individuos determina distintas formas de representación: las celebridades reciben tratamiento reverente, mientras que ciudadanos comunes y periféricos son retratados de manera impersonal y sensacionalista. Se concluye que el discurso digital no solo refleja, sino que también refuerza jerarquías sociales, perpetuando prejuicios y naturalizando la violencia contra poblaciones vulnerables. Al transformar la muerte en narrativa de entretenimiento, las redes sociales amplían la desigualdad simbólica y limitan la posibilidad de una reflexión crítica sobre la dignidad y el valor de la vida.

Palabras clave: medios sociales, discurso, plataforma digital, difusión de la cultura, semiología, muerte, Brasil.

Introdução

No Brasil, um país caracterizado por profundas desigualdades sociais e uma prevalência marcante de violência, a morte não é apenas uma certeza existencial, mas também um fenômeno culturalmente rico, diversamente representado. A emergência das mídias sociais trouxe consigo uma nova dimensão à forma como a morte é discutida e percebida, fazendo com que ela assuma um caráter corriqueiro e particularmente imaginativo.

Este estudo explora como o discurso sobre a morte se transforma em entretenimento virtual no Instagram, refletindo disparidades sociais existentes. O foco está na variação discursiva conforme o estrato social: narrativas formais para as elites, representações casuais para as camadas marginalizadas. Investiga-se como esses discursos são produzidos, compartilhados e recebidos, e como as estratégias do ambiente digital influenciam sua visibilidade e interpretação.

A investigação é guiada pela seguinte questão: como o discurso sobre a morte no Instagram reforça desigualdades sociais ao transformar tragédias em entretenimento? Ao ser transportada para o ambiente digital, a morte passa a ser moldada por estratégias das plataformas por meio da lógica algorítmica, apelo visual e busca por engajamento. Compreender como essas práticas atribuem diferentes valores simbólicos à vida, conforme a posição social dos indivíduos, permite problematizar como o entretenimento em torno da violência naturaliza as desigualdades no Brasil.

No cenário de ampla difusão de conteúdos violentos em torno da morte, o Instagram possui um papel importante, por isso é a plataforma escolhida para corroborar a hipótese deste estudo. No Brasil, a rede possui índice de penetração de 62% da população acima de 13 anos e, além disso, 74,8% da população acima de 18 anos consome Instagram diariamente, segundo um dos relatórios mais importantes sobre dados na internet no mundo, o We Are Social (2024). Além da ampla penetração, o Instagram caracteriza-se por ser uma plataforma que privilegia mensagens com apelo visual e que fomenta a interação entre os usuários da base dos perfis a partir da percepção imagética.

Sendo a imagem um elemento central das narrativas sobre morte no Instagram, ficam fora do estudo o Facebook (menos visual e com menor engajamento), o X/Twitter (conteúdo prioritariamente textual), o YouTube (consumo específico por vídeo) e o TikTok (direcionado à geração Z, com apelos menos formais que os requeridos pelo estudo).

O Brasil ocupa o segundo lugar mundial em número de usuários de redes sociais e o primeiro na América Latina em tempo de navegação (Comscore, 2023). A internet

já supera a tv aberta como fonte de informação: 21% dos brasileiros indicam as mídias sociais como principal fonte (Fundamento Análises, 2024), e 68% das navegações ocorrem exclusivamente pelo celular, dado que reforça a centralidade do Instagram, aplicativo nativo mobile, no ecossistema informativo do país.

As notícias sobre a morte, em suas vertentes informativas, sensacionalistas ou cômicas, exigem fundamentação teórica que sustente o esquema analítico. Paveau (2022) oferece ferramentas para decifrar como os discursos digitais se estruturam a partir de seis elementos: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade. Para a autora, esses discursos dependem do contexto de distribuição e do momento de consumo para constituir sentido, premissa essencial para analisar como discursos violentos se convertem em entretenimento no Instagram.

Além dos elementos discursivos, o tema exige abordagem filosófica e psicosocial. Becker (2010) oferece concepção relevante sobre a consciência da finitude humana, identificando os mecanismos pelos quais o indivíduo refuta a inevitabilidade da morte, aspecto diretamente relacionado ao consumo leve e descomprometido de imagens sobre a morte alheia.

Morin (1997) explora a morte sob prisma antropológico e filosófico: camadas abastadas recebem maior reverência, enquanto a morte de cidadãos comuns é instrumentalizada como exemplo didático da banalidade do óbito. Essas obras formam a espinha dorsal da análise proposta, oferecendo arcabouço teórico multifacetado sobre os discursos digitais em torno da morte.

O artigo está organizado em quatro partes: metodologia, com os critérios de seleção do corpus; composição do feed e banalização da morte; individualização ou apagamento do óbito conforme o contexto social; e análise dos resultados, com ênfase na manipulação dos elementos do discurso nativo digital. Nas conclusões, evidencia-se como as práticas discursivas digitais reforçam desigualdades estruturais no Brasil.

Metodologia

A seleção da amostra em estudos sobre mídias sociais exige esforço específico, dada a enorme quantidade de ocorrências e as múltiplas possibilidades metodológicas disponíveis. A principal dificuldade esteve em determinar as fontes de conteúdo, visando manter coerência analítica e comparabilidade entre os discursos, minimizando a interferência das características de cada enunciador.

Dessa forma, a seleção das postagens obedeceu a critérios específicos: deveriam tratar da morte como evento noticioso ou de interesse público. Além disso, foram prio-

rizadas postagens que apresentaram ampla interação com os usuários, seja em forma de curtidas, comentários ou compartilhamentos, bem como aquelas que mobilizaram maior repercussão durante o período da coleta, ou seja, de março a junho de 2024.

A análise foi conduzida sob a perspectiva de Paveau (2022), aplicando-se os seis elementos do discurso nativo digital, a saber: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade. Cada postagem foi examinada em relação a pelo menos um desses elementos, de modo a identificar como a morte é ressignificada no ambiente digital e transformada em narrativa de entretenimento. Essa escolha metodológica possibilita não apenas interpretar os materiais empíricos, mas também articulá-los, assegurando que o percurso analítico se mantenha coerente com o propósito deste estudo.

Trata-se de pesquisa analítico-bibliográfica que articula observação sistemática dos discursos digitais e referenciais teóricos sobre a cultura da morte, situando os materiais empíricos em campo mais amplo de reflexão crítica.

Os discursos analisados estritamente em formato de *posts* desconsideram os demais formatos como *reels* e *stories*. Os *posts* que compõem o *corpus* são aqueles publicados em estrutura de notícia, disponibilizados nos *feeds* das redes emissoras selecionadas para o estudo. Essa é uma característica importante, pois mensagens compartilhadas nos *feeds* tornam-se permanentes e constituem um retrato do tom de voz adotado pelo perfil, além de ser um aspecto importante no que diz respeito à atribuição de significado à narrativa. A entrega de conteúdo via *feed* é importante para os perfis garantirem maior quantidade de eventos de engajamento que, por sua vez, servem como balizadores dos algoritmos de relevância, responsáveis por alimentarem o ciclo da recorrência de assuntos na *timeline* de um usuário. Apesar de haver no Instagram um espaço para memórias virtuais onde usuários publicam vídeos, fotos e homenagens (Davoudi & Douglas, 2025), tal qual existe nas demais plataformas, há no Instagram um caráter informativo, que faz sobressair o caráter prático da rede.

Indivíduos que interagem com conteúdos sobre morte retroalimentam as entregas em seus *feeds*, reforçando concepções formadas pelo consumo recorrente do tema. Os algoritmos não apenas provocam manipulações sociais, mas atuam na própria formação de significado dos discursos digitais (Paveau, 2022). Os algoritmos formam bolhas que reduzem a visão de mundo do indivíduo ao que é recebido pelas redes, reforçando preconceitos e perpetuando desigualdades estruturais.

A tecnologia das redes sociais exerce uma força de atração tão poderosa na nossa psicologia e na nossa identidade, e é tão predominante na nossa vida, que transforma o jeito como pensamos, como nos comportamos e como

nos relacionamos uns com os outros. O efeito multiplicado por bilhões de usuários, tem sido a transformação da própria sociedade. (Fischer, 2023, p. 21)

Os perfis selecionados representam uma combinação de grandes conglomerados noticiosos e iniciativas independentes, cruciais para compreender as dinâmicas de disseminação de informação e entretenimento. Conforme a Tabela 1, cada perfil possui base substancial de seguidores, indicando relevância no espaço público digital. O impacto dos perfis jornalísticos é crescente, dado o espaço que ocupam no hábito de consumo de notícias:

As mudanças no panorama midiático, fértil em ameaças e oportunidades, podem afetar a legitimidade dos órgãos de comunicação convencionais, por perderem capacidade para fazer a diferença, no confronto com outras fontes de informação. As dinâmicas de produção jornalística induzidas pelas mídias sociais, apelam para a promoção do imediatismo [...]. (Martins, 2024, p. 15)

Em um contexto de produção e consumo instantâneos, não há espaço para percepção crítica, cenário em que a manipulação dos elementos do discurso ganha crescente importância.

Tabela 1: Perfis do Instagram que compõem o corpus de análise

Perfil	Seguidores	Justificativa
@uoloficial	2 milhões	Importante portal digital, de propriedade do Grupo Folha, segundo maior conglomerado de mídia do país.
@portalgl	9,2 milhões	Perfil proveniente do portal de notícias Globo, maior conglomerado de mídia do país.
@metropoles	2,6 milhões	Perfil oficial do Metrôpoles, portal de notícias digital independente, conhecido por sua cobertura abrangente de temas nacionais e regionais em Brasília.
@joelpaviotti	71,1 mil	Perfil pessoal de Joel Paviotti, conhecido por seus comentários e análises sobre cultura popular e entretenimento, com foco em cinema e televisão e denúncias das regiões periféricas.

As coletas foram realizadas entre março e junho de 2024, abrangendo conteúdos que vão de entretenimento a denúncias violentas, incluindo mortes de celebridades e de cidadãos comuns. Essa multiplicidade reforça a pertinência da análise via *posts* em *feed*, repositório fiel do tom editorial adotado por cada perfil.

A análise seguiu a estruturação do discurso digital proposta por Paveau (2022), que postula simetria entre o linguístico e o extralinguístico: o discurso nativo digital deve ser observado sem distinção entre seus elementos e o ambiente em que é produzido. Consequentemente, além do contexto de entrega do *post*, particularmente a organização do *feed* do enunciador digital e da *timeline* do receptor, membros

constituintes da esfera extralinguística, a análise considera tanto a imagem como centro do discurso, quanto a legenda, responsável por dar continuidade à narrativa, mas que muitas vezes é ignorada pela própria natureza da plataforma em que o discurso se apoia. Dando continuidade à análise, os comentários e a descontextualização, por meio de re-postagens, também são elementos do discurso nativo digital, relevantes para a atribuição de sentido. Vale ressaltar que nativos digitais são os discursos produzidos na internet (Paveau, 2022), nesse caso, as mídias sociais com os elementos propostos pela rede em questão, ou seja, o Instagram.

Cada postagem é analisada com foco em um dos elementos do discurso nativo digital; em alguns casos, mais de um post é necessário para completar a compreensão da instância discursiva em questão.

A composição do feed e a banalização da morte

As plataformas digitais operam como ecossistemas modulados por algoritmos, em que, não apenas o conteúdo, mas a forma de distribuição, influenciam percepção, consumo e engajamento (Cordeiro *et al.*, 2025). Essa ideia de que a forma atribui significado para a narrativa deve ser observada em relação aos discursos em torno da morte dispostos no *feed* do enunciador digital. Geralmente, relatos sobre morte são imiscuídos em diversos outros assuntos, que vão desde política, até momentos leves envolvendo *pets*, curiosidades diversas e fofocas sobre celebridades.

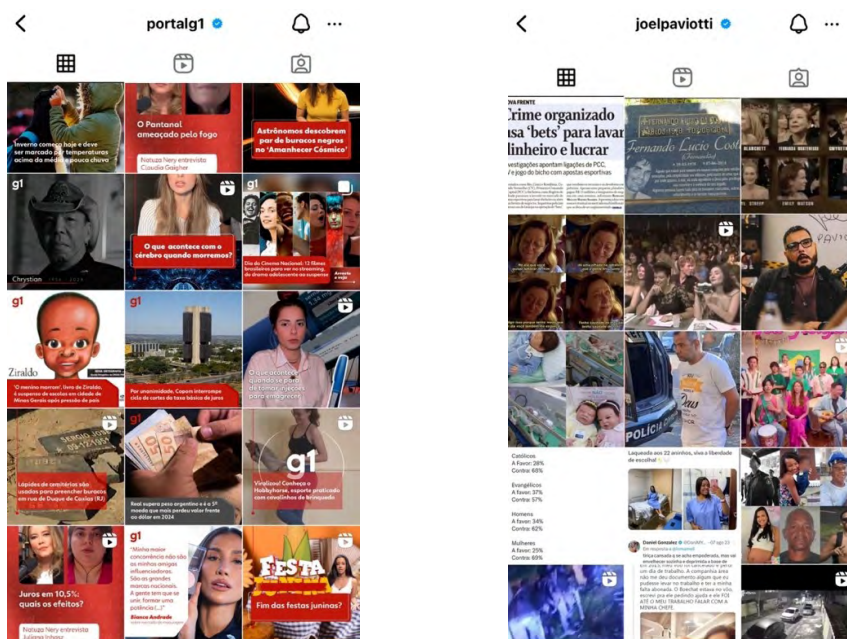
Trivializar o discurso sobre a morte permite que o tema retorne ao *feed* com frequência sem se tornar insuportável. Ao tratá-lo com leveza, o emissor garante engajamento enquanto o receptor lida com a morte alheia de modo descompromissado. Como afirma Lima Neto (2025), as mídias digitais não são ferramentas neutras; seus recursos discursivos impactam a conformação de percepções que se perpetuam. Esse fenômeno pode ser abordado sob uma perspectiva antropológica, em consonância com a reflexão apresentada por Becker (2010), ao citar o ensaísta inglês Samuel Johnson:

A perspectiva da morte, disse Dr. Johnson, concentra maravilhosamente a atenção da mente. [...] essa perspectiva faz muito mais: a ideia da morte e o medo que ela inspira perseguem o animal humano como nenhuma outra coisa. É uma das molas mestras da atividade humana, atividade destinada, em sua maior parte, a evitar a fatalidade da morte, a vencê-la mediante a negação de que ela seja o destino final do homem. (Becker, 2010, p. 11)

Para ilustrar o tratamento diluído e superficial dado ao assunto, foram destacadas imagens dos *feeds* do G1 e de Joel Paviotti, capturadas na semana de 16 a 23 de junho de 2024. Ambos os perfis possuem um editorial típico de assuntos gerais, tratados em um tom de voz ameno e informativo. Apesar de apresentarem número de seguidores e alcances diferentes, são consumidos por usuários comuns, que possuem mesma

característica de consumo na rede. O perfil G1 é o perfil da Rede Globo no Instagram, o maior conglomerado de mídia do Brasil e um dos maiores do mundo, já o perfil de Joel Paviotti se caracteriza por um jornalismo informativo e de denúncia com caráter independente. Esses perfis díspares são relevantes para demonstrar como a prática de retratar o assunto morte de maneira descompromissada e cercada de outros assuntos é amplamente utilizada, conforme observa-se na Figura 1. Ressalta-se que essa prática é alterada quando se trata de grandes tragédias ou crimes com mobilização social. Nesses casos, o tom sensacionalista ganha espaço.

Figura 1: Exemplos de multiplicidade de temas em *feeds*



Fonte: feeds do @portalg1 e de @joelpaviotti

A quarta publicação, no *feed* do G1, refere-se a uma imagem em preto e branco de um conhecido cantor sertanejo brasileiro, que faleceu de causas naturais em 19 de junho de 2024. Essa prática de apresentar em preto e branco as imagens de celebridades falecidas, imprime um tom poético e distinto ao *post*, tratamento que não é estendido a indivíduos anônimos. Esse tipo de recurso será abordado mais profundamente adiante. Na décima publicação do *feed* do G1, uma lápide com o nome "Sergio José - 09-12-1951" aparece em primeiro plano, dentro de um contexto insólito em que restos de lápides são usados para tapar buracos nas ruas de uma cidade interiorana. No mesmo nível discursivo, uma série de postagens de assuntos diversos compõem o contexto das notícias em torno da morte.

No perfil de Joel Paviotti, a abordagem é igualmente casual. Entre conteúdos variados, como programas de auditório, imagens do Oscar e notícias policiais, destaca-se um *post* sobre uma lápide com a foto de “Fernando Lucio Costa”, exemplificando a peculiaridade de expor a imagem do falecido, o que rompe com o anonimato típico desses monumentos. Nesses casos, mesmo com a revelação dos nomes e rostos, a individualidade das pessoas comuns retratadas permanece diluída, demonstrando como é complexa a representação da morte no ambiente digital.

Esse contexto em que as representações da morte aparecem lado a lado com conteúdos diversos, como entretenimento, cotidiano ou notícias triviais, reforça a superficialidade atribuída ao tema da morte nas mídias sociais. Ao inserir postagens sobre falecimentos entre assuntos banais ou de entretenimento, dilui-se o impacto emocional e simbólico do acontecimento, promovendo uma percepção mais casual e efêmera. Nesse sentido, as mídias digitais propiciam uma abordagem que naturaliza a convivência com a morte, mas ao mesmo tempo diminui sua gravidade e profundidade ao apresentá-la como apenas mais um tópico dentre muitos outros. Essa característica observada no *feed* dos dois perfis analisados é que se pode chamar de imprevisibilidade discursiva no ambiente digital, em que, em função da deslinearização do discurso, a relação que ele estabelece com o contexto é inerente ao significado atribuído à narrativa (Paveau, 2022).

A individualização da morte de acordo com o contexto social

A morte, embora percebida como evento individual, é essencialmente um fenômeno coletivo mediado cultural, econômica e socialmente. O impacto atribuído a um óbito não é homogêneo: molda-se à posição social do indivíduo, definindo como sua vida e seu falecimento serão interpretados pela coletividade.

Para Morin (1997), a sociedade, ao se afirmar frente ao indivíduo, praticamente anula sua morte; mortes sem individualidade são relegadas ao coletivo como evento necessário ao aprendizado da iminência fatal. Essa visão ressoa com o discurso construído no Instagram: quanto mais notório o indivíduo, maior a perpetuação de seu legado como memória coletiva; o anonimato aproxima o morto de uma inevitabilidade cuja atenção deve ser controlada.

Essa individualização está intrinsecamente ligada à estrutura social que Morin (1997) descreve como o rei, o escravo, a morte. Esta estrutura reflete as classes sociais, conferindo uma individualização distinta a figuras como o rei, enquanto relega o escravo a uma morte menos significativa, encaminhando-o para a coletividade, a desvalorização e o anonimato. Na sociedade contemporânea, inclusive no Brasil, essa dicotomia é evidente na distinção entre a elite e as celebridades, que são vistas

quase como realza, e o cidadão comum, frequentemente exposto à violência e tratado como parte de uma massa indistinta.

Com a evolução e a formação das classes, a afirmação da individualidade vai primeiro se polarizar nos senhores. Os senhores vivem no geral, nas distrações, no prazer; não são especializados, são eles mesmos, porque pertencem a si mesmos. Os oprimidos são ao mesmo tempo os apêndices manuais deles, e os apêndices da terra, da mina, da máquina que eles trabalham. São servos, sujeitos; e sujeito na linguagem dos reis significa objeto. Segundo à ótica dos senhores, eles pertencem ao reino das coisas. (Morin, 1997, p. 50)

A organização social brasileira, marcada pela concentração de renda herdada do maior sistema escravagista do mundo, perpetua a dinâmica descrita por Morin. O cidadão comum está exposto ao anonimato e à violência; quando vítima de um evento fatal, sua existência é reduzida a números e a visibilidade que eventualmente obtém nas mídias sociais serve ao entretenimento, não à dignidade.

Quando um enunciador investido de poder simbólico usa a retórica para definir o que é único ou relevante, elimina formas alternativas de pensamento (Romero-Rodríguez *et al.*, 2023). A repetição dos mecanismos de não individualização transforma a morte do cidadão comum em algo naturalmente banal e didático, esvaziando qualquer possibilidade de indignação.

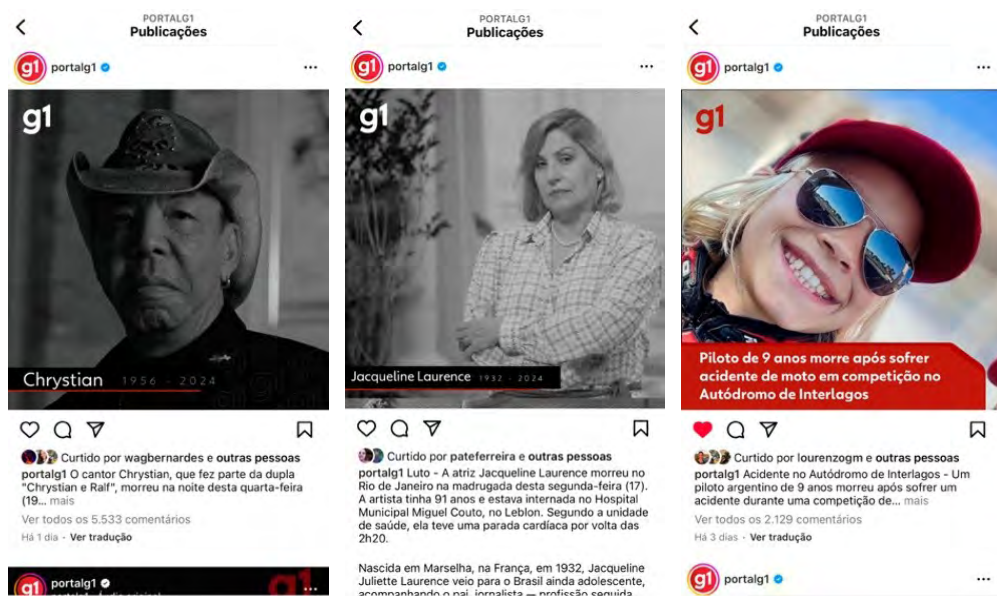
Esse tipo de ocorrência ecoa na afirmação de Becker (2010) sobre a atitude displacente em relação à morte alheia, que no fundo representa uma tentativa do indivíduo de distanciar-se da ideia de morte como destino inevitável para todos, inclusive para si mesmo. Assim, ao tratar a morte de forma superficial, a sociedade utiliza o entretenimento como um mecanismo de defesa contra o confronto com a própria mortalidade.

As imagens dos *feeds* do Portal G1, apresentadas a seguir, revelam um padrão distintivo no tratamento de mortes, dependendo da notoriedade do indivíduo envolvido. Artistas e figuras públicas conhecidas, como evidenciado pelo *post* em preto e branco de um famoso cantor sertanejo e de uma veterana atriz de tv, são frequentemente apresentados de maneira a evocar um senso de reverência e perda poética, com a individualidade exaltada por serem eles mesmos destaques sociais. Em contraste, a morte de um menino de 9 anos em um acidente incomum no autódromo de Interlagos é tratada de maneira visivelmente mais direta e objetiva, sem o mesmo tratamento estético e emotivo.

O fato de uma imagem ser apresentada em preto e branco e outra colorida não é apenas uma escolha relativa à direção de arte, e se configura em uma estratégia discursiva potencialmente prejudicial para a concepção individual de pertencimento social, visto que "a definição que os indivíduos têm de si mesmos constitui-se pelas

comparações e identificações com valores da sociedade em que estão inseridos” (Freitas *et al.*, 2023). Dessa maneira, esse recurso, além de descaracterizar socialmente o indivíduo, constitui-se em um recurso simbólico que ressignifica o discurso sobre a morte de acordo com o estrato social, destacando visualmente a importância atribuída a cada um e reforçando a distinção entre sujeitos cuja vida merece ser celebrada poeticamente e aqueles cuja morte é apenas informada, sem maiores nuances ou sensibilidades. A Figura 2 apresenta exemplos de eventos ocorridos na mesma semana e revela essa prática enunciativa.

Figura 2: Comparação Portal G1 de três publicações sobre mortes



Fonte: @portalg1. Consultada: semana de 16 de junho de 2024.

Resultados: a manipulação dos elementos do discurso nativo digital em torno da morte

Os discursos mediados por tecnologia estão sujeitos à atribuição de significados opostos aos pretendidos. As cadeias dialógicas nos ambientes digitais constituem espaço para acessar significados sociais: o usuário engaja e compartilha conteúdos que refletem sua percepção, reafirmando e ressignificando os temas recorrentes (Resende & Tobar Acosta, 2019). A ressignificação dos sentidos nos discursos digitais envolve a intervenção tecnológica e a disseminação excessiva da mensagem, que constroem novas camadas discursivas.

A análise do discurso digital requer abordagens distintas das utilizadas em suportes tradicionais. Para Paveau (2022), discursos desenvolvidos em ambientes digitais são composições híbridas que integram linguagem e tecnologia de forma equitativa, visíveis diretamente no discurso, fenômeno denominado tecnolinguageiro.

Esse tipo de composição tecnolinguageira é desenvolvida por um hibridismo semiótico: os tecnodiscursos podem ser plurissemióticos e mobilizar simultaneamente, e na mesma semiose, texto, imagem fixa ou animada, som. (Paveau, 2022, p. 66)

Essa fusão traz implicações significativas para a estrutura de composição da mensagem que serão analisadas a partir desse ponto. Até mesmo perfis institucionalmente comprometidos com a credibilidade aplicam elementos discursivos dispostos em uma mesma camada da estrutura narrativa, retirando de cada um desses elementos o potencial de significante, deixando o discurso mais fluido, mais superficial e menos crítico. Um exemplo é o *Jornal o Estado de S. Paulo* no Instagram que "em publicações de até 15 segundos, utiliza textos, fotos e vídeos para disponibilizar notícias nos *stories* de seu perfil." (Alexandre & Vieira, 2022, p. 2).

Para compreender a complexidade do discurso em plataformas, a partir desse ponto, serão estudados os seis elementos do discurso nativo digital: composição, deslinearização, ampliação, relacionalidade, investigabilidade e imprevisibilidade.

A primeira característica, denominada "composição" (Paveau, 2022, p. 66), diz respeito à intersecção com o tecnolinguageiro: Henrique Chagas, um empresário de 27 anos, faleceu após realizar um *peeling* de fenol em uma clínica de estética em São Paulo. No contexto das imagens fornecidas, o conceito de "composição" proposto por Paveau (2022) pode ser claramente observado. A intersecção entre vídeo, imagem e texto cria um discurso plurissêmico que engaja múltiplos sentidos simultaneamente.

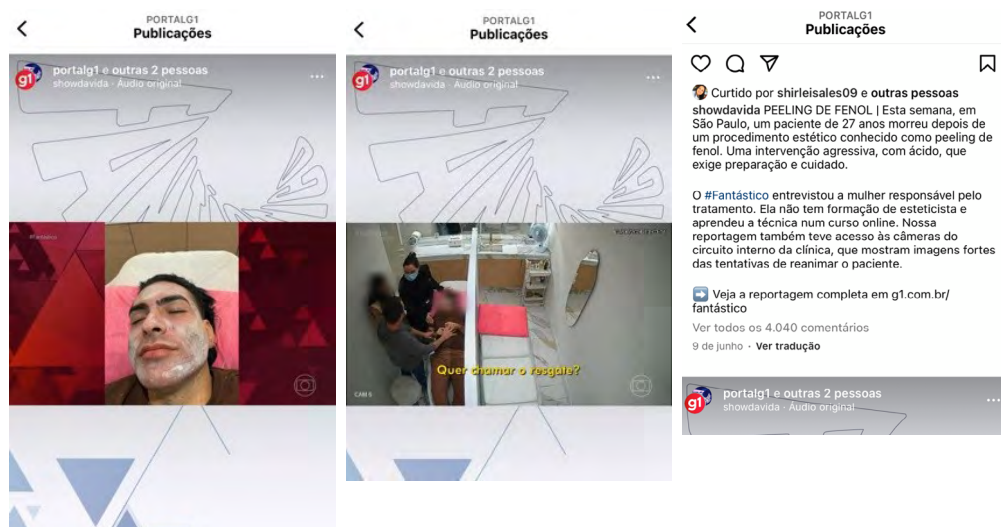
Na imagem do homem, presente na Figura 3, capturada em momentos antes de sua morte, e no vídeo que registra o evento trágico, ambos combinados com uma legenda descritiva, manifesta-se uma composição tecnolinguageira. Esta fusão de elementos não apenas transmite informações de maneira rápida e dinâmica, mas também evoca emoções e reflexões sobre o evento, conferindo à morte uma dimensão espetacular. Assim, o espectador é confrontado com uma representação multimodal que reforça a percepção da morte como um espetáculo, diminuindo significativamente a importância do personagem retratado no contexto de sua morte.

Essa configuração reforça a lógica do entretenimento, pois a tragédia individual de um jovem é transformada em espetáculo imagético, evidenciando como o discurso digital hierarquiza as mortes: a comoção surge não pela dignidade da vítima, mas pelo choque sensacionalista do evento. Nesse processo, a desigualdade social é ampliada,

já que o valor atribuído à vida é mediado pelo potencial de engajamento e não pela individualização do sujeito.

Nota-se que, apesar de amplamente conhecido, a legenda da notícia não traz o nome da vítima, esvaziando a importância da individualização da morte. O foco do discurso está no vídeo que mostra o processo de agonia e morte do rapaz, apesar de todos os demais elementos discursivos apresentarem-se em nível semelhante de enunciação, assim como as demais notícias apresentadas no *feed*. Percebe-se, nesse ponto, que o processo de não individualização da morte, em prol de um entretenimento sensacionalista, que gera engajamento, é também um recurso que direciona a mensagem para uma espécie de aprendizado coletivo.

Figura 3: Caso morte por *peeling* de fenol



Fonte: @portalg1; consultada: 9 de junho de 2024.

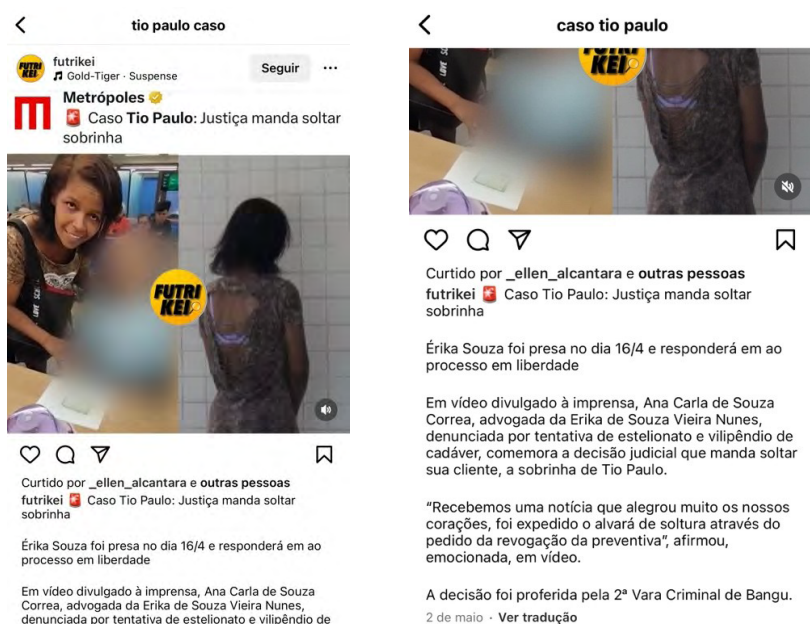
A segunda característica, denominada "deslinearização" (Paveau, 2022, p. 66), é particularmente relevante para a espetacularização do sentido da morte, à medida que preconiza que os discursos digitais não se desenvolvem em uma linha sintagmática, de modo que links e janelas produzem outra situação de enunciação, alterando o sentido do discurso.

As imagens apresentadas na Figura 4, mostram duas instâncias discursivas, a primeira relativa à notícia publicada pelo portal Metrôpoles, que compõe o *corpus* de análise desse estudo e, a segunda, relativa ao perfil de fofocas Futriкеi no Instagram, que repostou a matéria sobre um caso inusitado: uma sobrinha levou seu tio Paulo, já falecido, a um banco, sentando-o como se ainda estivesse vivo, para tentar reali-

zar transações em seu nome. Este incidente, que poderia ser tratado com seriedade, foi transformado em uma anedota amplamente divulgada, captando a atenção como um caso de comédia.

Este exemplo ilustra a “deslinearização” mencionada por Paveau (2022), na qual a natureza do discurso digital permite que essa história seja contextualizada de maneira diferente. Aqui, em vez de um relato sério sobre um possível crime ou sobre a dignidade da morte, o contexto muda para o de fofoca, alterando completamente o sentido e a recepção do discurso, tornando-o um espetáculo leve e de entretenimento no Instagram. Vale ressaltar que, mais uma vez, a individualidade da vítima não é preconizada, visto que o nome do senhor morto foi reduzido à alcunha de “Tio Paulo”. A intencionalidade recorrente de não individualizar a vítima é estratégica, pois somente assim é possível que a morte se torne objeto de ridicularização e seja discutida com superficialidade e leveza. Caso não fosse dessa maneira, o assunto, altamente viralizado na ocasião da apuração dos fatos, não poderia ser repostado por um perfil de fofocas. Isso é relevante visto que, conforme discutido anteriormente, os algoritmos observam a relevância do assunto para aumentar o alcance de um determinado perfil.

Figura 4: Repost do perfil Metrôpoles no perfil Futrikei



Fonte: @futrikei (consultado: 2 de maio de 2024).

A terceira e a quarta características fundamentais dos discursos nativos digitais são a “ampliação” e a “relacionalidade” (Paveau, 2022, p. 66). A ampliação se refere a

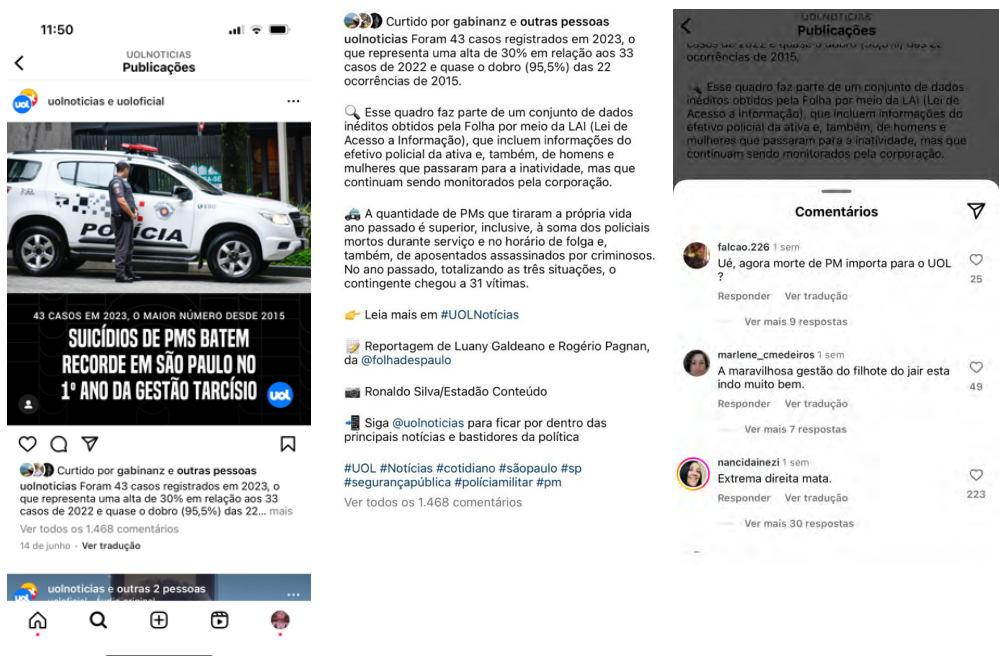
uma enunciação expandida dentro de um espaço único, em que múltiplos enunciadores colaboram na construção do sentido da mensagem, permitindo, ainda assim, a identificação de cada agente. Esta característica é particularmente evidente nos comentários do Instagram, exemplificando como a construção do discurso digital se manifesta.

Na prática, a ampliação transforma cada publicação em ponto de partida para novas camadas discursivas, agregando perspectivas individuais, culturais e sociais distintas. O post constitui-se em espaço coletivo de enunciação, no qual o sentido é constantemente negociado.

A relacionalidade indica que todos os discursos estão interligados, observável tanto na variedade temática dos *feeds* (Figura 1) quanto nos comentários que incorporam experiências externas ao contexto da postagem (Figura 5).

Cada discurso digital está sempre em diálogo com outros de mídias tradicionais, acontecimentos sociais ou narrativas online, criando uma rede de sentidos sobrepostos em que a cultura digital se revela pela circulação, remixagem e hibridização.

Figura 5: Publicação sobre suicídio policial



Fonte: @uolnoticias. Consultado: 14 de junho de 2024.

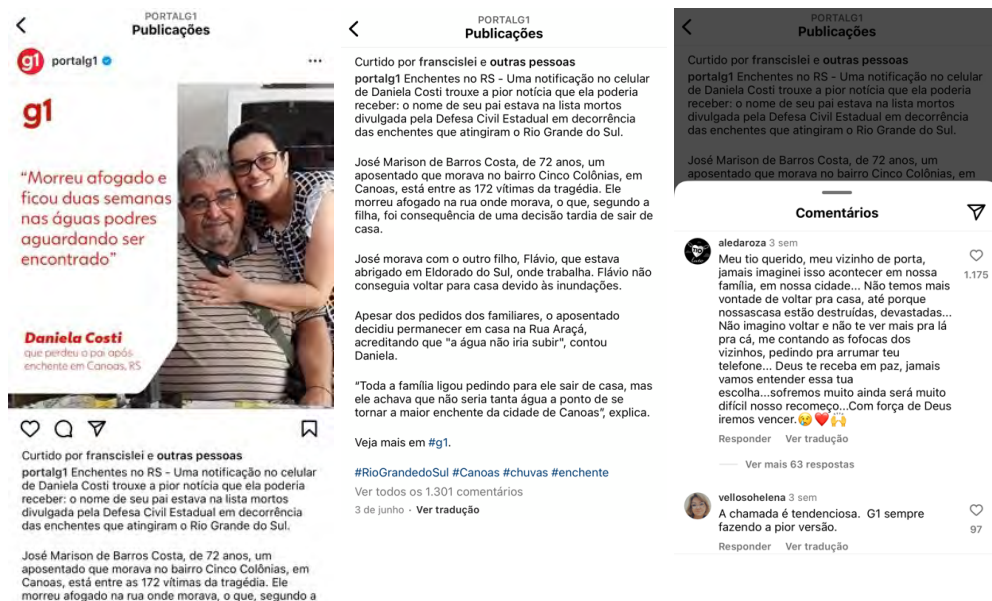
A análise da imagem compartilhada pelo perfil uol no Instagram exemplifica de maneira contundente os conceitos de “ampliação” e “relacionalidade”. A postagem, que destaca um aumento nos casos de suicídio sob a gestão de um governador de direita em São Paulo, utiliza uma imagem de um policial sem rosto, simbolizando a perda de individualidade e representando a corporação como um todo. Esta escolha visual reforça a mensagem crítica da legenda, que, apoiada em dados jornalísticos, sugere uma conexão entre as políticas do governador e o aumento de suicídios, caracterizando a postagem como sendo de cunho jornalístico, apesar de sensacionalista.

Nos comentários, observa-se a ampliação do discurso, em que o debate extrapola o conteúdo original da notícia. Os usuários apenas tocam no tema dos suicídios e passam a comentar sobre a ideologia do veículo de comunicação, acusando-o de tendencioso contra a direita política. Além disso, as interações expandem a discussão para temas relacionados, como críticas ao presidente Jair Bolsonaro e posicionamentos sobre o avanço da extrema direita no Brasil. Esse fenômeno ilustra a relacionalidade, demonstrando como os discursos no ambiente digital estão interconectados e influenciados por uma rede mais ampla de narrativas e contextos sociopolíticos.

As imagens da Figura 6 oferecem uma reflexão crítica sobre a natureza e o impacto do discurso digital na percepção pública de temas graves, como a morte. Embora a postagem do uol tenha a intenção de apresentar um caráter jornalístico e sério, tratando a questão dos suicídios com dados e referências que visam conferir autoridade ao discurso, o contexto de consumo da informação na plataforma digital influencia significativamente a recepção da mensagem. O hábito dos usuários de interagir de maneira rápida e muitas vezes, superficial com o conteúdo digital contribui para que mesmo temas sérios, como a morte, sejam abordados de maneira desconexa e frequentemente desviados para debates carregados de panfletagem e opinião pessoal. Essa dinâmica revela a dualidade do discurso digital: a busca por legitimidade formal convive com a interatividade que eclipsa reflexões profundas por reações impulsivas. A seriedade é subvertida, relegando a morte a um plano de discussão ideológica sem consideração pela humanidade do tema.

No *post* presente na Figura 6, observa-se um movimento deliberado para construir um discurso plurissêmico que humaniza a vítima de uma tragédia no Rio Grande do Sul, diferente do tratamento impessoal frequentemente observado em notícias de catástrofes. A tragédia recente do Rio Grande do Sul de 2024 foi uma catástrofe sem precedentes, na qual chuvas torrenciais resultaram em inundações abrangentes por todo o estado. Essas inundações devastadoras levaram a uma situação crítica com centenas de mortes, desalojamento de milhares de pessoas e destruição significativa de infraestrutura e propriedades.

Figura 6: Publicação sobre vítimas das enchentes do Rio Grande do Sul



Fonte: @portalG1. Consultado: 3 de junho de 2024.

A imagem do indivíduo sendo abraçado, que simboliza amor e perda, é central para esse objetivo. Ela não só visualiza a afetividade, mas também confere uma identidade palpável e real ao sujeito comum, intensificando a conexão emocional do público com a tragédia. A legenda complementa essa imagem com detalhes sobre a vida da vítima, José Maurício de Barros Costa, e o fato trágico de seu corpo ter ficado submerso enquanto se decompunha, fato que, apesar de sombrio, tornou-se corriqueiro naquela situação específica. Entretanto, a incidência desses casos não foi mencionada, a fim de garantir a individualização da vítima. Este relato detalhado serve para contextualizar sua existência dentro da narrativa maior da tragédia, destacando sua individualidade em meio a um evento que gerou centenas de mortes.

Os comentários no *post* refletem a ampliação do discurso, em que os usuários não apenas expressam condolências, mas também se engajam em uma reflexão mais profunda sobre as circunstâncias e o impacto humano da tragédia. Essa interação evidencia uma comunidade de luto e memória, sublinhando como o discurso digital pode ser um espaço para o reconhecimento coletivo e a empatia, transformando estatísticas em histórias pessoais e reforçando o sentimento de pertencimento e compreensão compartilhada sobre a gravidade dos acontecimentos.

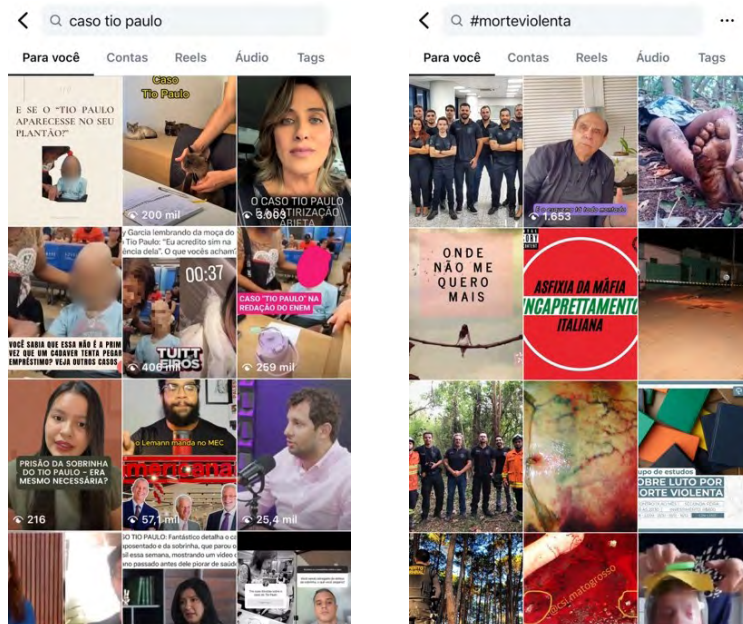
Vale ressaltar que a humanização é uma estratégia aplicada para manter a audiência conectada e engajada com a tragédia, algo que não é comum na plataforma,

mas se mostra eficaz como recurso para captar e manter a atenção do público. Essa abordagem não só informa, mas ainda evoca uma resposta emocional que fortalece o vínculo dos espectadores com os eventos relatados, transformando o relato de uma catástrofe em uma narrativa mais pessoal e impactante.

Por fim, a quinta e a sexta características dos discursos nativos digitais referem-se à "investigabilidade" (Paveau, 2022, p. 67), que posiciona os discursos digitais dentro de um repositório ilimitado, facilitando a coleta e reutilização desses discursos em diferentes contextos enunciativos, o que pode alterar seu significado original; e a "imprevisibilidade" (Paveau, 2022, p. 67), que destaca a natureza inesperada dos discursos digitais, tanto pela mediação de tecnologias como algoritmos e softwares quanto pelo efeito da investigabilidade, gerando novos contextos para reutilização e interpretação das mensagens.

No caso da investigabilidade, o potencial de busca e de reinscrição de um mesmo conteúdo em diferentes momentos e contextos evidencia como o discurso digital é essencialmente dinâmico. Um *post* que inicialmente tem caráter noticioso pode, meses depois, ser resgatado e reinterpretado sob uma ótica humorística, política ou sensacionalista, demonstrando que a memória digital é também um espaço ativo de ressignificação.

Já a imprevisibilidade mostra que, mesmo quando um discurso é produzido com uma intencionalidade específica, sua circulação e recepção escapam ao controle do emissor. A lógica algorítmica pode reposicionar conteúdos em lugares improváveis, fazendo com que mensagens sobre morte e violência surjam no feed do usuário em meio a publicações de caráter leve ou cotidiano. Essa característica ressalta o caráter aleatório e disruptivo da experiência digital, em que a significação se reorganiza constantemente, revelando tanto a força dos mecanismos tecnológicos quanto a vulnerabilidade dos sentidos atribuídos socialmente às mensagens.

Figura 7: Investigabilidade e imprevisibilidade do caso Tio Paulo e da #morteviolenta

Fonte: Instagram. Consultado: junho de 2024.

Na Figura 7 apresentam-se duas formas de investigabilidade: a por assunto e a por *hashtag*. A investigabilidade do caso “Tio Paulo” demonstra como um evento inicialmente apresentado como cômico e inusitado pode ser continuamente acessado, compartilhado e reinterpretado ao longo do tempo. Com essa circulação prolongada e aprofundamento investigativo, o tom original do caso transforma-se gradualmente, ganhando conotações mais sérias e sendo tratado como um legítimo caso de polícia.

Já a imprevisibilidade associada à *hashtag* #morteviolenta é amplificada pela aleatoriedade do algoritmo que opera por relevância, fazendo com que conteúdos altamente sensíveis apareçam inesperadamente no *feed* do usuário, sob o selo de “para você”, isto é, dependendo do comportamento de navegação individual. Isso gera um consumo superficial desse tipo de conteúdo, podendo acarretar uma profunda indiferença, que, com o tempo, altera a percepção sobre a morte, principalmente de anônimos que não recebem a devida individualização de seus óbitos. Por outro lado, esse deslocamento discursivo ressalta o poder do ambiente digital de alterar significativamente o significado inicial de uma narrativa por meio da reutilização incessante e do reposicionamento em novos contextos discursivos.

Por fim, é válido desenvolver uma análise do discurso digital plenamente caracterizado, isto é, aquele que faz uso de todos os elementos discursivos na mesma camada

discursiva e com a mesma importância narrativa. Essa análise se desenvolve a partir das imagens apresentadas a seguir, com o intuito de evidenciar como a desigualdade social é reforçada pelo tratamento dado às mortes não individualizadas.

Antes da análise em si, destaca-se a prática estigmatizante do jornalismo no Brasil, que perpetua estereótipos e reforça a desigualdade social ao não suscitar, na audiência, a indignação que a violência e a morte deveriam despertar.

Os casos que envolvem o discurso sobre violência e juventude tomam duas direções distintas: uma da valorização focada na inocência e na ingenuidade, na qual pessoas não negras são apresentadas [...] e outra concepção que desvirtua a população negra e que consolida a naturalização de conceitos estereotipados, categorizando-os/as simbolicamente como menor infrator/a, delinquente, marginal, bandido/a, vagabundo/a. [...]. (Silva *et al.*, 2024, p. 7)

Analisando a notícia de uma execução em um coletivo durante uma festa de carnaval, disseminada pelo perfil Metrôpoles, percebe-se o quanto esse processo se concretiza nas notícias veiculadas pelo Instagram.

Figura 8: Postagem com emprego de discurso digital plurissêmico.



Fonte: @metropoles. Consultado: março de 2024.

No *post* em questão, apresentado na Figura 8, o anonimato das vítimas, descritas apenas por sua função de trabalho, mas sem menção aos seus nomes, simboliza a perpetuação da falta de importância social do cidadão comum. O alcance da postagem é aumentado pelo compartilhamento da notícia do portal principal com o perfil específico de São Paulo. Por sua vez, o engajamento não é gerado pela empatia ou pela humanização das vítimas, mas sim pela espetacularização da morte, anunciada por meio do alerta sobre a disponibilidade de um vídeo explícito nos *stories*.

Ainda, em termos de plurissemia, o fato de a notícia trágica aparecer logo acima de uma postagem sobre futebol reforça ainda mais o caráter superficial atribuído à morte de indivíduos socialmente desfavorecidos, sublinhando a naturalidade com que se encara esse tipo de evento na vida cotidiana das grandes cidades. O contraste entre a gravidade de um assassinato e o entretenimento do esporte demonstra como vidas anônimas são rapidamente diluídas em meio a conteúdos triviais e cotidianos.

Os comentários destacam como a relacionalidade discursiva contribui para reforçar preconceitos sociais: a referência ao carnaval, festa tradicionalmente popular, estabelece uma conexão preconceituosa entre violência e manifestações culturais das classes sociais mais baixas. Esse discurso, que emerge espontaneamente nas interações, reforça ainda mais a desvalorização das vítimas e a naturalização da violência sofrida por camadas mais vulneráveis da população.

Nesse exemplo, observa-se ainda a articulação plena dos elementos do discurso nativo digital: a composição manifesta-se na sobreposição de imagem, texto e vídeo; a deslinearização permite que o mesmo conteúdo seja consumido em diferentes camadas, como *feed* e *stories*. Assim, a ampliação se concretiza nos comentários que expandem a mensagem para novos significados; a relacionalidade conecta a morte ao carnaval e ao futebol, associando práticas culturais a violência; a investigabilidade garante que esse conteúdo permaneça disponível para ser retomado em outros contextos; e a imprevisibilidade se revela no modo como um episódio trágico surge no fluxo aleatório do *feed* ao lado de conteúdos de lazer. Essa combinação evidencia não apenas a banalização da morte, mas a forma como o ambiente digital reforça a estratificação social ao atribuir sentidos distintos de acordo com a origem das vítimas. Ao serem reduzidas a estatísticas ou descrições funcionais, essas vidas são retiradas do campo da dignidade e inseridas na lógica do consumo imagético, consolidando o processo de naturalização da violência e de marginalização do cidadão comum.

Nas mídias sociais, para que os algoritmos entreguem o conteúdo ao perfil desejado, o discurso explora os interesses da audiência, confronta o grupo demonizado e defende os valores do público-alvo (Romero-Rodríguez *et al.*, 2023). Esse ciclo, sustentado por elementos manipulados e direcionados ao engajamento, alimenta bolhas algorítmicas que ressignificam narrativas pela repetição.

Portanto, afirma-se novamente que o anonimato frequentemente mantido, a trivialização e a espetacularização da violência atuam juntos para perpetuar um discurso que naturaliza e aprofunda a desigualdade social, ao tratar a morte dessas vítimas como algo esperado e corriqueiro, não merecedor de empatia ou atenção profunda por parte do público.

Esses resultados demonstram que a maneira como os discursos digitais são estruturados no Instagram não apenas contribui para a espetacularização da morte, mas também reforça desigualdades sociais. Ao contrastar a representação reverente de celebridades com o apagamento ou anonimato das vítimas comuns, observa-se que o entretenimento em torno da morte se constrói de forma hierarquizada, reafirmando preconceitos estruturais e naturalizando a violência contra populações marginalizadas. Dessa forma, a análise evidencia diretamente como o discurso digital em torno da morte reforça desigualdades sociais ao transformar tragédias em entretenimento.

Discussões e conclusões

O estudo evidenciou como o discurso sobre a morte no contexto digital brasileiro é moldado como entretenimento, influenciado pela posição social dos retratados. A estratégia de não individualizar a morte do cidadão comum minimiza a importância dessas vidas, transformando eventos trágicos em produtos midiáticos efêmeros.

A ausência de individualização perpetua a desigualdade ao sugerir implicitamente que essas mortes não merecem tratamento digno. As tragédias são banalizadas e inseridas em contextos triviais ou humorísticos, reforçando preconceitos estruturais e invisibilidade social, consolidando a percepção de que a morte anônima é ferramenta didática para lidar com a fatalidade.

Os seis elementos do discurso nativo digital são intencionalmente manipulados para produzir discurso dinâmico, embora superficial. A sobreposição de imagens, legendas e textos intensifica o apelo visual e dilui a profundidade; a repetição de temas sem pausas reflexivas impede a criticidade e contribui para que a morte adquira novos sentidos, adaptando-se ao fluxo do consumo digital.

No caso da morte, a trivialização é estratégia necessária: tratada com seriedade, sua constante exposição seria insustentável. Ao esvaziar seu impacto, a morte torna-se compatível com a lógica de entretenimento das plataformas. Psicossocialmente, o consumo corriqueiro de conteúdos violentos facilita o distanciamento emocional do indivíduo em relação à própria mortalidade, permitindo confrontá-la indiretamente pela banalização das tragédias alheias.

A resignificação do sentido do óbito nas plataformas digitais evidencia um processo de duplicação das organizações sociais em camadas, em que o discurso de uma elite, detentora do poder da palavra, perpetua a marginalização do indivíduo comum, que se torna meramente o objeto do discurso.

Embora as mídias sociais possam servir ao reconhecimento e à memória coletiva, também perpetuam visões que valorizam algumas vidas mais que outras, levantando

do questões éticas sobre o papel da mídia digital na formação de percepções sobre morte, dignidade e igualdade. Ao desvelar essas dinâmicas, espera-se contribuir para uma reflexão crítica sobre como a cultura digital reforça desigualdades sociais diante da violência e da morte.

Por fim, responde-se à pergunta que orientou este estudo: o discurso sobre a morte no Instagram reforça desigualdades sociais justamente ao transformar tragédias em entretenimento, pois estabelece narrativas diferenciadas para as vítimas conforme sua posição social, naturalizando a violência contra os mais vulneráveis e conferindo reverência apenas às mortes consideradas socialmente relevantes.

Referências

- Alexandre, L. B., & Vieira, S. M. F. (2022). Jornalismo e redes sociais: estímulos à competência midiática no Instagram Stories. *Rotura*, 2(1), 45–53. <https://publicacoes.ciac.pt/index.php/rotura/article/view/80>
- Becker, E. (2010). *A negação da morte: uma abordagem psicológica sobre a finitude humana*. Record.
- Comscore. (2023). *Digital Trends LATAM*. <https://www.iabargentina.com.ar/noticia-97.php>.
- Cordeiro, D., Lopezosa, C., & Guallar, J. (2025). A methodological framework for AI-driven textual data analysis in digital media. *Future Internet*, 17(2), 59. <https://doi.org/10.3390/fi17020059>
- Davoudi, N., & Douglas, J. (2025). Come with me on my #griefjourney: First-person narratives of grief on TikTok. *Illness, Crisis & Loss*, 33(4). <https://doi.org/10.1177/10541373241312668>
- Fischer, M. (2023). *A máquina do caos: Como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo*. Todavia.
- Freitas, A. L., Romero, R. L., Pantaleão, F. N., & Boggio, P. S. (2023). Bases sociocognitivas do discurso de ódio online no Brasil: uma revisão narrativa interdisciplinar. *Linguagem & Tecnologia*, 16, e46002. <https://doi.org/10.1590/1983-3652.2023.46002>
- Fundamento Análises. (2024). *Como o brasileiro se informa? [Relatório de pesquisa]*. <https://fundamento.com.br/como-o-brasileiro-se-informa-pesquisa/>
- Lima Neto, F. (2025). Espaço público digital e ativismo dos coletivos: (re)definindo fronteiras entre público e privado. *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, 25(1), e46314. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2025.1.46314>
- Martins, P. (2024). Quando as redes sociais digitais são fontes jornalísticas — Uma abordagem a códigos deontológicos. *Comunicação e Sociedade*, 45, e024001. [https://doi.org/10.17231/comsoc.45\(2024\).4748](https://doi.org/10.17231/comsoc.45(2024).4748)
- Morin, E. (1997). *O homem e a morte*. Imago.
- Paveau M. A, Costa J., & Baronas, R. (2021). *Ressignificação em contexto digital*. Edufscar.
- Paveau, M. (2022). *Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas*. Pontes.

- Resende, V. de M., & Tobar Acosta, M. del P. (2019). Justiçamento em rede: direitos humanos e efeito midiático. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, 14(1), 150–171. <https://doi.org/10.1590/2176-457335719>
- Romero-Rodríguez, L. M., Castillo-Abdul, B., & Cuesta-Valiño, P. (2023). The process of the transfer of hate speech to demonization and social polarization. *Politics and Governance*, 11(2), 109–113. <https://doi.org/10.17645/pag.v11i2.6663>
- Silva, M. E. B., Anunciação, D., & Trad, L. A. B. (2024). Violência e vulnerabilização: o cotidiano de jovens negros e negras em periferias de duas capitais brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, 29(3), e04402023. <https://doi.org/10.1590/1413-81232024293.04402023>
- We Are Social. (2024). *Global data digital 2024: Brazil*. [relatório sobre dados digitais no Brasil]. <https://datareportal.com/reports/digital-2024-brazil>